

**Denise Pereira  
(Organizadora)**

# **A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Denise Pereira**  
(Organizadora)

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-283-8

DOI 10.22533/at.ed.838192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LER PARA NÃO ESQUECER: DENÚNCIA E RESISTÊNCIA À DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE O PARDAL É UM PÁSSARO AZUL DE HELONEIDA STUDART	
<a href="#">Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
LER, ESCREVER E VOTAR: A REFORMA DO DIREITO ELEITORAL NO BRASIL IMPÉRIO (1860-1881)	
<a href="#">Kátia Sausen da Motta</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
LITERATURA DE CORDEL: UMA POSSIBILIDADE PARA ENSINAR HISTÓRIA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<a href="#">Luciana de Moraes Trombeta</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>31</b>
MEDIÇÃO EM FOCO: ESTUDO DE CASO DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PALÁCIO TIRADENTES	
<a href="#">Priscila Lopes d'Avila Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
MÍDIA IMIGRANTE E OBITUÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE LAZER PRESENTES NO JORNAL UCRANIANO PRACIA	
<a href="#">Angélica Szeremeta</a>	
<a href="#">Alfredo Cesar Antunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
"O DEFENSOR DOS DIREITOS DO POVO". CIDADANIA, DEMOCRACIA, LIBERALISMO E REPÚBLICA NO JORNAL "A LIBERDADE"	
<a href="#">Mariana Nunes de Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
O DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS DE 1755: ECONOMIA, TRABALHO E POLÍCIA NO REFORMISMO LUSO-BRASILEIRO	
<a href="#">Bianca Racca Musy</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
<a href="#">Rosimeire Gonçalves</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8381925048</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>83</b>
O ESPAÇO DO SAGRADO E O ESPAÇO DO TRABALHO NOS VITRAIS DA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII)	
Debora Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8381925049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>97</b>
O ESPECTADOR EMANCIPADO E O FIM PEDAGÓGICO DA ESTÉTICA/OBRA DE ARTE	
Michelle dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
O MITO E A COMPOSIÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS	
Bruno Rodrigo Couto Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
O RENASCIMENTO CULTURAL MODERNO: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO “O RENASCIMENTO” (NICOLAU SEVCENKO, 1988) - NOSSAS HERANÇAS E A CORRUPÇÃO NO BRASIL DE HOJE	
José Antonio de Andrade	
José Carlos Correia Cardoso Júnior	
Rafael Magalhães Costa	
DOI 10.22533/at.ed.83819250412	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>126</b>
O SETOR AUTOMOTIVO NO GOVERNO JK: POLÍTICAS E EMPRESAS	
Fernando Marcus Nascimento Vianini	
DOI 10.22533/at.ed.83819250413	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>138</b>
O TEATRO COMO FESTA: UMA INTRODUÇÃO À TEORIA TEATRAL DE GEORG FUCHS	
Beatriz Magno Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.83819250414	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>147</b>
O TOPÔNIMO PIRES DO RIO: A CONSTRUÇÃO DA VIA FÉRREA E O SURGIMENTO DE UMA CIDADE	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.83819250415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>156</b>
OS ASPECTOS DA URBANIZAÇÃO DE MURIAÉ-MG	
Arthur da Costa Orlando	
DOI 10.22533/at.ed.83819250416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
POR UMA ARTE DO CULTIVO: AGRICULTURA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE DE ÍNDIOS E COLONOS NO PARÁ DAS DÉCADAS DE 1840-1880	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.83819250417	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>179</b>
PROPRIEDADE, MOEDA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ELEMENTOS DA “NOVA ORDEM MUNDIAL” PRESENTES NA OBRA HISTÓRIA UNIVERSAL DE H. G. WELLS (1918-1920)	
<a href="#">Pedro Nogueira da Gama</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
REDE CAIÇARA DE CULTURA	
<a href="#">Bruno Tavares Magalhães Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>204</b>
SENSIBILIDADES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE A MORTE E OS MORTOS	
<a href="#">Cícero Joaquim dos Santos</a>	
<a href="#">Rafael Gonçalves de Araújo</a>	
<a href="#">Antônio Carlos Dias de Oliveira</a>	
<a href="#">Teófilo Silva Primo Correia</a>	
<a href="#">Zuleide Fernandes de Queiroz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
UM PROCESSO CRIMINAL NOS JORNAIS NEUTROS DO SÉCULO XIX: O ATENTADO CONTRA DOM PEDRO II	
<a href="#">George Vidipó</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>223</b>
UMA REGIÃO ESPORTIVA OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	
<a href="#">Glauco José Costa Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83819250422</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>231</b>

## O ESPAÇO DO SAGRADO E O ESPAÇO DO TRABALHO NOS VITRAIS DA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII) ATUALIZAÇÕES DA PESQUISA

**Debora Santos Martins**

PPGH-UFF/ Scriptorium

Bolsista CAPES

Niterói, RJ

**RESUMO:** Estudo sobre os vitrais da catedral de Chartres que representam os ofícios e suas organizações confraternais no âmbito da cidade. Do ponto de vista espacial, além da própria catedral, tomamos como referência a cidade que a abriga e com quem espacialmente se relaciona. Partiu-se do princípio de que os dados figurativos estruturam-se nos quadros imaginários da cristandade e das grandes narrativas bíblicas. Portanto, não consideramos a relação imagem/texto como um espelho da realidade ou diretamente estruturada num contexto. A ideia central é a de que existe uma cultura visual presente nestas representações, elas mesmas estruturantes deste universo. Neste sentido, multiplicam-se as funções da imagem que presentifica os grandes ideais da cristandade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagem – Cultura Visual – Vitrais – Chartres – Trabalho.

**ABSTRACT:** Study on the stained glass windows of the cathedral of Chartres that represent the offices and their organizations within the city. From the spatial point of view,

besides the cathedral itself, we take as reference the city that houses it and with whom it is related spatially. It was assumed that figurative data are framed in the imaginary pictures of Christianity and the great biblical narratives. Therefore, we do not consider the image / text relation as a mirror of reality or directly structured in a context. The central idea is that there is a visual culture present in these representations, themselves structuring of this universe. In this sense, the functions of the image that represent the great ideals of Christianity are multiplied.

**KEYWORDS:** Image - Visual Culture - Stained Glass - Chartres – Work.

Esta pesquisa analisa os vitrais da catedral de Chartres, na França, elaborados no século XIII, que representam os ofícios e suas organizações em *Communautés des Arts et métiers* no âmbito da cidade, focalizando as redes de relações desenvolvidas entre eles no exercício de suas atividades, as correlações entre os ofícios e as formas diversas de organização do trabalho num período em que a categoria trabalho sofre uma profunda mudança ideológica (LE GOFF, 2013). Do ponto de vista espacial, além da própria catedral, tomamos como referência a cidade que a abriga e com quem espacialmente se relaciona.

Quando na dissertação de mestrado *Entre*

*o imaginário e o vivido: as representações dos padeiros nos vitrais da catedral de Chartres (França – século XIII)* foram analisadas as representações dos padeiros da cidade em cinco vitrais doados por essa comunidade de ofício à catedral, nelas pode-se observar, ao seriar as imagens de Chartres e as da Catedral de Saint-Étienne de Bourges relativas aos ofícios, a participação da imagem nos fazeres e ritos cotidianos ao representar as diferenças ou variações dos regimes, privilégios e sistemas de trabalho desse ofício (MARTINS, 2017: 154). Para além disso, ao tomarmos o conjunto dos vitrais de Chartres para análise, foi observada também uma ordenação e uma correlação entre os diversos ofícios, e uma possível hierarquização, uma rede dinâmica de relações representada na espacialidade da catedral. O que se pode perceber é que essa simbólica das relações está representada na espacialidade da catedral pela localização e disposição dos vitrais dentro da catedral, na sua iconografia e na quantidade de doações feitas por uma determinada comunidade de ofício, o que nos interessa de perto.

A cidade de Chartres está localizada na importante planície cerealífera de Beauce, no vale do rio Eure, noroeste da França, e sua área total é de 16,85 km<sup>2</sup>. Situa-se a 90 km de Paris, a 80 km de Orléans, a 140 km de Tours, 110 km de Mans e 70 km de Evreux, o que faz da dela um verdadeiro entroncamento de rotas importantes, tanto comerciais quanto de peregrinação no Domingo de Ramos e no Pentecostes, e é também marcada pela passagem dos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela, na Galícia. Essa região conserva, ainda nos dias atuais, sua proeminência como centro agrícola e abriga diversas indústrias de cosmético e perfumaria, o que a tornou sede da Câmara de Comércio e da Indústria de Eure-et-Loire.

No século XIII, a cidade, cuja localidade era denominada de *pays Chartrain*, pertencia ao domínio real de Luís IX que compreendia toda a Picardia, a Île-de-France (região de Paris e arrabaldes) e parte do que hoje é a Normandia. Seus ricos domínios abarcavam toda a planície fértil do Beauce, produtora de grãos (onde está localizada a cidade).

No último terço do século XI, na localidade, observa-se o fenômeno urbano e seu embricamento no surgimento e organização dos ofícios. O *Cartulário da Abadia de Saint-Père de Chartres* (L'EPINOIS & MERLOT, 1862) registrou os primeiros trabalhadores de diversos ofícios a partir do último terço do século XI, em condição servil (ACLOQUE, 1917: 23-25), muito embora as notações informem que esses artesãos gozavam do fruto de seu trabalho e tinham o direito de passar o conhecimento do ofício a seus descendentes.

Os padeiros e pasteleiros foram os primeiros ofícios ligados à alimentação a serem registrados nesses documentos (o registro é precoce, antes de 1080), seguido pelos açougueiros, numerosos desde o primeiro terço do século XI, quando a *boucherie* era um comércio de luxo, seguidos pelos cozinheiros, charcuteiros, mercadores de vagens e legumes secos, os saleiros, os taverneiros e os viticultores. Em meados do século XII, os ofícios citadinos são, de forma geral, registrados e fixados.

Como em toda cidade medieval os ofícios estão arruados, constituindo os mesterais em padrão de organização do espaço urbano. Dessa relação da cidade e da catedral com os ofícios urbanos, Chartres ainda abriga no nome de suas ruas.

A catedral Notre-Dame d'Assomption de Chartres é um dos mais belos e completos exemplares da arquitetura gótica, e sua construção data do período de 1194-1260 (data da sua consagração, na presença de Luís IX), e possui o maior e um dos mais antigos conjuntos de vitrais medievais conservados da França, em sua maior parte datados do século XIII, entre os anos de 1205 e 1240.

No conjunto das suas 176 janelas vitrais, 45 delas contém representações dos ofícios medievais do século XIII (o conjunto original era constituído de 50 vitrais). São cenas dos trabalhadores em plena atividade de seu ofício, distribuídas em medalhões localizados na base dos vitrais. São visíveis a grandes distâncias e os vitrais que os abrigam possuem uma organização bastante diversificada quanto à região da construção em que estão localizados, os tipos de representação, devoções e quantidade de doações.

É importante sublinhar que em Chartres a relação dos ofícios urbanos com a catedral é singular: é um dos raros exemplos em que eles estão representados em profusão dentro da própria catedral. Essa singularidade não se deve somente às representações propriamente ditas ou às relações entre os ofícios urbanos e as catedrais góticas, mas a uma relação muito mais sensível: os ofícios urbanos de Chartres constituem o segmento social que mais vitrais doou à catedral.

Analisar essas representações dos ofícios urbanos na catedral de Chartres leva-nos, em primeiro lugar, à questão da monumentalidade e do papel ordenador da catedral na cidade. Assim, faz-se necessário abordar, inicialmente, as questões que se referem ao gótico, não apenas como estilo arquitetônico, mas como um verdadeiro mecanismo para entendermos a latinidade medieval do século XIII. Essa passagem do estilo românico para o gótico nos informa sobre um conjunto de elementos da vivência da sociedade medieval.

O gótico surgiu numa área que pode ser geograficamente delimitada: na França, a região da Picardia, da Normandia e a Île-de-France (região de Paris e arredores) e na Inglaterra (ARAGUAS, 2000: 32). Essa região do noroeste da França apresentou uma preponderância econômica na Europa durante o período com a concentração da nobreza nos ricos campos agricultáveis da planície do Beauce, então domínio real dos reis Capetíngios, e produziu uma intensa e variada documentação e fomento da atividade intelectual, somada à expansão das cidades na região.

Essa mudança inscreve-se no fenômeno urbano do período como um todo, das novas ideologias e na mudança das mentalidades. Ao investigarmos esse processo de mudança, tomando a catedral gótica como uma representação da cidade (dos homens), mas também da Cidade de Deus, e também como um lugar de transcendência entre as duas, consideramos a concepção da própria Catedral como um cosmos ordenado segundo o modelo divino (FRÓES, 2012) e podemos, através dele, nos aproximar da

vivência social, dos seus ritmos, das suas trocas cotidianas.

Uma catedral gótica é o ponto central de um complexo de construções que abrange o palácio do bispo, um ambiente destinado aos clérigos (onde se localiza a Escola de Catedral e o claustro), e o Hôtel de Dieu (Casa de Deus), onde se recebiam os doentes e os peregrinos. Não se entrava na catedral apenas para orar, dentro do edifício também se realizavam as reuniões comunais e as assembleias das corporações de ofícios da cidade (DUBY, 1978: 99-136). Essas funções e usos múltiplos que a catedral adquire nesse período nos informam de sua importância social e a confirmam como fonte para investigarmos as mudanças sociais.

A catedral é assim fórum, palácio da justiça, local de ensino e produção de conhecimento, a casa de Deus, o local onde a *cidade dos homens* e a *cidade de Deus* estão em permanente contato, uma catedral gótica é a própria representação da cidade.

Em sua obra *O tempo das catedrais*, o medievalista Georges Duby associa a construção das catedrais às modificações das cidades no medievo, e aos novos padrões mentais e socioeconômicos perceptíveis, sobretudo, entre os séculos XIII e XV. Nessa obra de referência, Duby articula a teologia da luz, base da estética do gótico às estruturas de representação (*re-presentação*) do cosmos organizado na terra.

A luz é assim elemento estruturante da catedral e penetra em seu interior de forma regradada através de um complexo jogo de cores que tem como principal suporte, os vitrais. A característica que predomina nessa organização do espaço é a sua permeabilidade, todos os espaços se comunicam e podem ser vistos sem obstáculos ao olhar (ARAGUAS, 2000: 25), de forma que o deambulatório e as capelas se fundem, com o diâmetro das colunas reduzido. A luz difundida pelos vitrais não encontra obstáculos e preenche todo o ambiente interno da catedral, provocando um efeito de caleidoscópio no coro e iluminando as gemas e metais preciosos de sua decoração (ARAGUAS, 2000:26).

A noção de que Deus entra na alma pela visão/contemplação, ou seja, toca a alma através dos olhos do corpo, é muito presente, e está na base da ideia de contemplação específica do gótico, e encontra referência nas obras de Dionísio Pseudo-Areopagita e nas traduções e comentários do século XIII de suas obras, elaborados por Tomás de Aquino e nas cartas de Suger de Saint-Denis. Assim, a imagem provoca a transcendência pela sua contemplação, do material para o imaterial. Essa característica de mediação, de *transitus* (BELTING, 2002 & SCHMITT, 2007) é central no que tange a imagem medieval.

É importante reter que o pensamento medieval é materialista (LE GOFF, 2013). Esse materialismo se expressa por uma *corporeidade* (SCHMITT, 2007), onde mesmo a luz possui uma representação material, uma imagem, uma materialidade passível de apreensão pelos sentidos, um corpo.

A proposta do estudo é, portanto, tomar a Catedral de Chartres em sua

materialidade e, focalizando as representações dos ofícios nos vitrais doados pelas corporações da cidade, estabelecer relações identificáveis entre a construção arquitetônica e as ideologias e mentalidades do período e aproximar-se dos mecanismos internos de organização da sociedade, de como ela se pensa, organiza, age e muda, concebendo a sociedade como produto da ação humana e, portanto, as formas segundo as quais o homem continuamente cria e recria a sua realidade. Sua construção “é o resultado inegável da ação humana sobre a realidade física” inseparável de seu contexto. Portanto, as representações contidas em seus vitrais são “uma espécie de resíduo físico das relações sociais” (MENESES, 2014: 4) e, assim como a própria cidade que a abriga, lugar do trabalho, da ação humana sobre o espaço, um artefato.

A catedral é o coração dentro do corpo citadino, o *locus* da Concórdia, ela também uma representação do corpo, mas o de Cristo. A relação da cidade com a catedral é a da Eucaristia, do corpo de Cristo no corpo do homem, da catedral no corpo da cidade. Essa relação tem a marca da transcendência, da comunhão entre o céu e a terra, do encontro da Jerusalém celeste com a cidade dos homens, onde tem lugar a Eucaristia, a comunhão do material e o imaterial que é o ponto máximo dessa relação entre o físico e o espiritual. Além de representar um espaço ordenado do Cosmos segundo dons, hierarquias e lugares, ela mostra também através dos ofícios o aspecto funcional deste espaço de trocas, o corpo unitário da cidade.

## 1 | O ESPAÇO DO SAGRADO E O ESPAÇO DO TRABALHO

Ao longo dos séculos XII e XIII a afirmação dos ofícios e a sua organização, considerando mesmo todas as variações no tempo e no espaço, fez com que as lutas sociais urbanas, se ampliassem. É também nesse momento em que se fixam, de forma geral, os regimes de trabalho associativo e alguns ofícios recebem o registro de seus regulamentos e privilégios (mesmo que alguns não tenham sido registrados, caso dos ofícios menores), como é o caso das comunidades de ofícios de Paris (e tomado como referência para todo o domínio real), feito a pedido de Luís IX, por Étienne Boileau, de 1268. É nesse momento e num cenário amplo e bastante variado que se fundam lutas por representatividade e reconhecimento de seu lugar no corpo citadino e no reino e o trabalho ganha uma feição definitivamente colaborativa, construtora da realidade e não mais de sacrifício, mas de *função*, de ofício.

Para realizar o estudo das relações sociais através das representações dos ofícios nos vitrais do século XIII da catedral de Chartres, foi necessário elaborar um mapeamento dos vitrais, de forma a visualizar e, ao mesmo tempo, considerar a visualidade e as relações na espacialidade (como se distribuem no espaço e interrogar essas correlações). O mapa (localizado no fim do capítulo) e o conjunto de fontes iconográficas utilizadas na pesquisa compõem um acervo próprio da autora,

elaborados em visitas científicas à catedral.

No que concerne às representações dos ofícios em estudo, a investigação tem apontado para as questões relativas as características da imagem medieval, conforme Belting, a *presentificação*, ou seja, tornar presente o ausente, o *transitus*, ou a mediação que a imagem faz entre o expectador e o que se representa e, sobretudo, o que ela *vela e re-vela*.

A construção iconográfica parece operar na chave *vela-revela*, e não somente que ao se *revelar* um sentido, uma inteligibilidade, uma interpretação, *vela-se* uma miríade de outros, mas, antes, essa característica parece constituir *o fazer* dessa imagem, sua agência.

Ao se fazerem representar nos vitrais doados, os trabalhadores buscaram uma promoção do seu ofício, uma elevação de suas atividades dentro de uma sociedade em que o trabalho ainda era visto de forma pejorativa, representando-se ao lado dos seus santos patronos. Através dessas representações em se figuram em plena atividade, trabalhando com as mãos, no ambiente da oficina, estabelecem uma semelhança, uma espécie de aproximação, elaborada a partir do jogo de cores, da disposição da composição e da temática, em que se imbricam nesse tempo-espaço da imagem o sagrado e o trabalho.

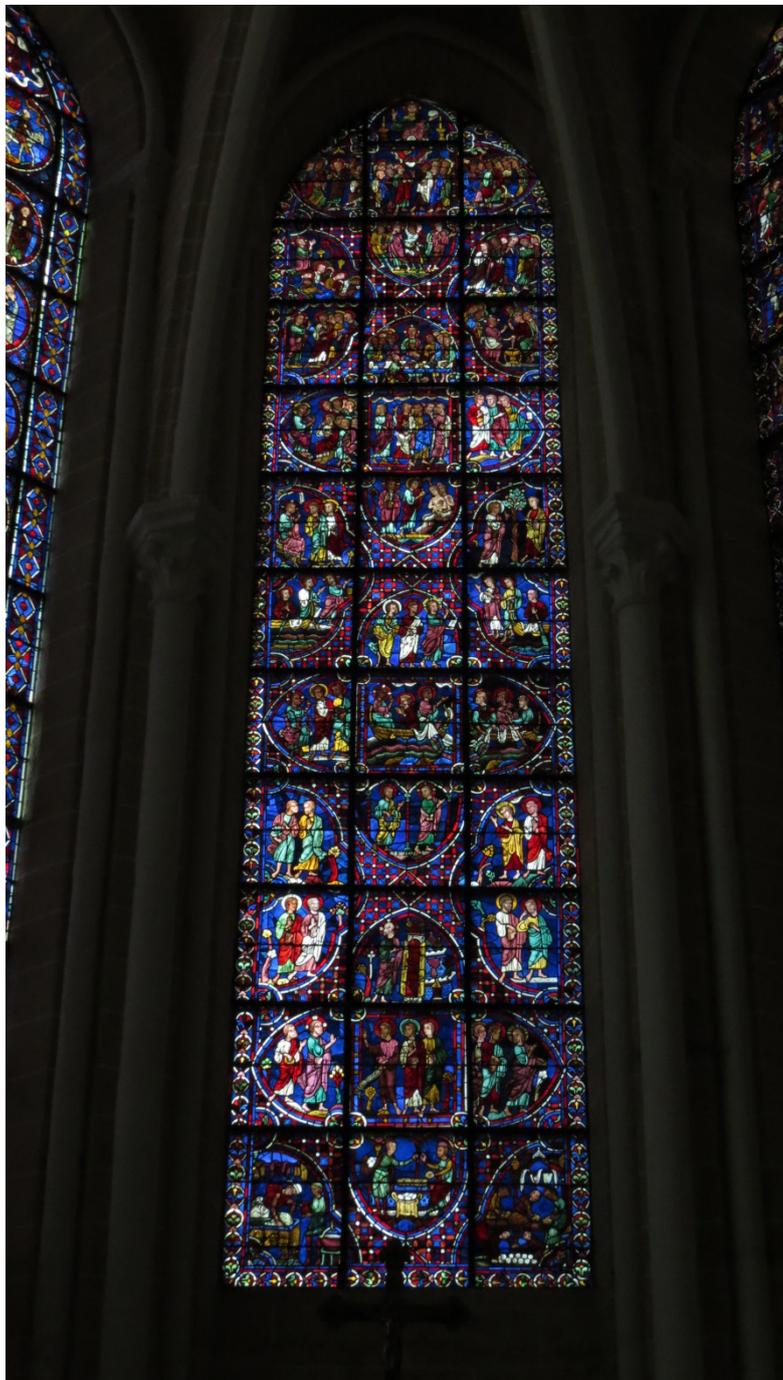


Figura 1. Vitral *Vocação dos Apóstolos* (1210-1225), Catedral de Chartres, França. Observe o embricamento entre os padeiros, representados na parte baixa do vitral e os Apóstolos, representados acima, a partir das cores das vestes do padeiro que sova a massa no primeiro medalhão e a veste da figura imediatamente acima dele representada.



Figura 2. Detalhe da representação dos padeiros na parte baixa do vitral *Vocação dos Apóstolos* (1210-1225).



Figura 3. Detalhe do primeiro quadrante do vitral *Vocação dos Apóstolos* (1210-1225): a massa que o mestre padeiro soja tem o rosto de Cristo figurada.

No detalhe do vitral *Vocação dos Apóstolos* (Figuras 1 e 2), pode-se perceber as cores da roupa do mestre padeiro e as cores da veste do personagem acima (do qual pés os pés). A composição iconográfica expressa uma unidade e, ao mesmo tempo em que representa um ofício com detalhes da atividade, estabelece essa relação de semelhança nesse velar/revelar. Essa característica ordena a representação como um todo e engloba as formas de promover e elevar socialmente o trabalho e inscrever as relações entre os ofícios: a massa sovada pelo mestre padeiro (Figuras 2 e 3), tem o rosto de Cristo figurada. O pão, alimento do corpo e do espírito, produto material desse

ofício. Ao analisar mais atentamente, no quadrante central, veremos a representação da venda de pães na qual o pão é comprado por uma moeda de igual tamanho. Além disso, o comprador é representado claramente como um judeu.

Releva dizer que os cambistas e os padeiros foram os ofícios que mais vitrais doaram para a catedral e essas doações estão em locais semelhantes e se correspondem espacialmente (*cf.* mapa no fim do capítulo). Relevam para essa investigação, no que tange ao cotidiano dessas relações sociais, compreender a natureza dessas relações e suas dinâmicas, de forma que possamos fazer uma aproximação maior com o vivido. Isso se liga ao que é o trabalho como identidade social e como essa identidade social se quer representar.

No mapa apresentado no fim do capítulo, constam os vitrais doados em conjunto, ou seja, mais de um grupo ou comunidade de ofício diferente compartilhou (ou dividiu?) a doação do vitral para a catedral. Essas doações nos falam sobre as relações entre ofícios, dinâmicas e relações de produção, cotidiano, vivência na cidade.

Finalmente, é importante reter que essas características são compartilhadas nos 45 outros vitrais distribuídas pela catedral e que é preciso avaliar atentamente as condições de visibilidade dessas representações. Não é possível considerar de forma generalizada que o vitral é *meio* (BELTING, 2002) de uma imagem que não se quer *publicizar* ou *visualizar*, considerando a altura e o tamanho das representações. Mas esse não parece ser o caso desses vitrais: essas imagens tem definição e tamanho de forma que podem ser vistas com clareza. Além disso, muitos desses vitrais são baixos, principalmente, os que possuem muitos detalhes, como é o caso do vitral analisado aqui. Para os vitrais altos a escolha de representação é mais simples e direta, e parece ter levado em conta as condições de visualização para alcançar impacto e visibilidade.

## 2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É crescente o número de estudos em que as imagens medievais são as principais fontes de pesquisa. Isso se deve ao fato de que elas representam e organizam as tendências profundas da cultura, são carregadas de sentido e valores simbólicos.

Para além de considerarmos o período como a civilização das imagens ou argumentarmos sobre a Antropologia cristã que funda o pensamento medieval na imagem (Gênesis 1: 26,27), ou ainda mergulharmos na amplidão do campo semântico do termo *imago*, é importante considerarmos também a necessidade de se dar um tratamento histórico à dimensão do imaginário levando em conta as suas especificidades, considerando a imagem, ou seja, a iconografia (ou a iconologia) como seu objeto privilegiado. Tais escolhas nos permitem alçar dimensões de análise enriquecedoras e inovadoras no que concerne a historiografia do período.

É importante ressaltar que a pesquisa não exclui as fontes textuais, como cartulários, estatutos de ofícios, textos bíblicos e legendários paroquiais, compilações de ordenanças e editos reais, amplamente exploradas nesta proposta.

O eixo norteador dessa proposta de pesquisa é, portanto, a dimensão do imaginário, que se refere à subjetividade do agente histórico (FRÓES, 2012) e privilegia a investigação de ritos, práticas, símbolos, ideologias e representações. A fim de desenvolvê-la plenamente, torna-se necessário trabalhar com alguns conceitos-chave como os de *imago* (SCHMITT, 2007) e o de *representações* (CHARTIER, 2002). A ideia central é a de que existe uma cultura visual presente nestas representações, elas mesmas estruturantes deste universo e não consideramos a relação imagem/texto como um espelho da realidade ou diretamente estruturada num contexto.

Estamos, portanto, no universo de uma História econômico-cultural e, sobretudo, do simbólico, em que o sagrado se encontra embebido em todas as atividades da sociedade e as ordena e hierarquiza.

Sob essa perspectiva, se analisa como, em determinado contexto histórico, categorias como *tempo*, *espaço* e *trabalho*, especialmente, “seriam apreendidos por padrões visuais disponíveis em determinada sociedade, quer estivessem eles institucionalizados ou não” (FRÓES, 2009: 88). Essas categorias são construídas socialmente e concretizam-se num elaborado sistema de representações, apresentando-se como formas de apreensão da realidade, ordenando o mundo, e organizando os sistemas de valores sociais.

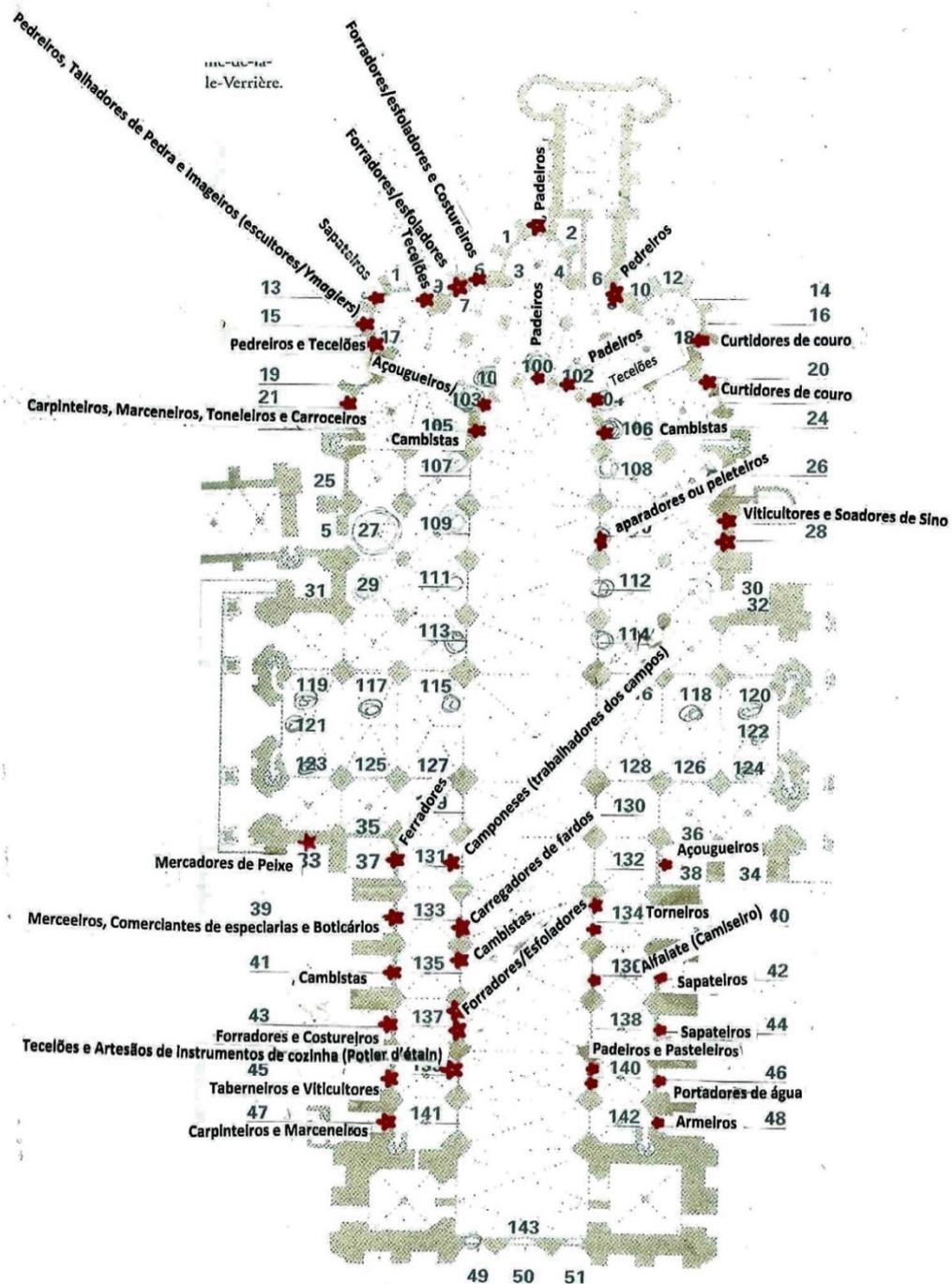
A premissa é considerar a imagem medieval dentro de seu próprio contexto e especificidade, adotando a perspectiva de uma cultura visual organizada no bojo da ética cristã e das grandes narrativas bíblicas. Não se tratando de referenciá-la ou corroborá-la com o texto, mas de extrair de sua análise elementos próprios da iconografia.

Desta forma, a catedral com os seus vitrais e a cidade que a abriga são inseparáveis, irredutíveis. É relevante para este estudo, tanto a dimensão material do objeto, quanto às técnicas e os materiais necessários para sua criação, e também a sua dimensão relacional. Um objeto “tem uma vida social, um ciclo, um terreno relacional: aspectos da organização humana, divisão social do trabalho, fragmentação nas operações de confecção de um artefato” (MENESES, 2014: 4). Mas, sobretudo, a relação que se advinha aqui é aquela em que concentro especial atenção: o objeto como produto do trabalho humano.

A historiografia que trata dos ofícios medievais buscou responder aos levantamentos de dados (necessários, por certo) e enfatizar as relações de domínio exercido pelo clero e a nobreza, focalizando a disputa entre os dois pela hegemonia social.

Assim, finalmente, o que se pretende nessa proposta é investigar as possibilidades de se operar um fazer histórico que nos aproxime mais da vivência dos homens e mulheres, abarcando as tensões e pluralidades sociais inerentes, e que busque atenuar juízos extremos predominantes na historiografia sobre a temática, que oferece a visão de uma sociedade medieval onde não há lugar para as esferas graduais de atuação, os níveis intermediários, as soluções criativas, as margens de

negociação e a mobilidade social no que respeita aos trabalhadores urbanos. Essa abordagem também contribui, mesmo que de forma indireta, para questionar as construções acerca do período medieval como uma época de estagnação intelectual e humana.



Planta dos vitrais da Catedral de Chartres (marcados por estrelas vermelhas, os vitrais dos ofícios)

## **Legenda dos vitrais marcados na planta, doados pelos ofícios da cidade de Chartres para a catedral Notre-Dame d'Assumption de Chartres:**

### **Vitrais baixos, localizados no coro (0 -30):**

- 0 – A vocação dos Apóstolos (1210 – 1225), capela do Sagrado Coração, Padeiros
- 5 – A História de São Tiago Maior (1210 – 1225), Forradores/esfoladores e Costureiros
- 7 – A História de Carlos Magno (1225, aproximadamente), Forradores/esfoladores
- 8 – A História de São Silvestre (1210 -1225), Pedreiros
- 9 – As Histórias de São Teodoro e São Vicente (1215 – 1225), Tecelões
- 13 – A História de Saint-Étienne e a transladação de relíquias (1220 – 1225), Sapateiros (capela)
- 15 – A História de Saint-Cheron (1220 – 1225), Pedreiros, Talhadores de Pedra e Imageiros (escultores/*Ymagiers*)
- 17 – As Histórias de Saint-Savinien e Saint-Potentien; História de uma mártire (1215 – 1225), Pedreiros e Tecelões
- 18 – A História de São Thomas Becket, (1215 – 1225 (?)) Curtidores de couro
- 20 – A História de São Martinho (1215 – 1225) Curtidores de couro
- 21 – A História de Saint-Julien, o Hospitaleiro (1215 – 1225); Carpinteiros, Marceneiros, Toneleiros e Carroceiros
- 28 – A vida da Virgem; o zodíaco e dos trabalhos dos meses; os viticultores e Thibault VI, conde de Chartres (doadores); as aparições a Joaquim e Ana; o encontro à porta dourada; o nascimento da Virgem; A educação da Virgem; A floração do cajado de José; O casamento da Virgem; A Anunciação; A Visitação; A Natividade; A Apresentação no Templo; A Adoração dos Magos; A fuga para o Egito; O massacre dos inocentes; Cristo abençoando (1217 – 1220) Viticultores e Soadores de Sino

### **Vitrais altos, localizados no coro, 100 -114:**

- 100 – a Anunciação, A visitação, A Virgem paritura (1210 – 1225, 1415) Padeiros
- 102 – Moisés e a sarça ardente; Isaías entronizado com um cajado florido, anjo adorador (1210 – 1225) Padeiros
- 103 – Ezequiel; David tocando a harpa; Querubins (1210 – 1225) Açougueiros
- 104 – profetas Daniel e Jeremias (1210-1225) Tecelões
- 105 – O Cristo entregando as chaves para São Pedro; São Pedro é solto da prisão por um anjo; O encontro de Cristo e São Pedro à Porta de Roma (1210 – 1225), Cambistas

106 – história de São João Batista; O anúncio de Gabriel a Zacarias; São João Batista carregando um cordeiro; (1210 – 1225) Cambistas

110 – a História de São Vicente, o corpo do santo é atirado ao mar; ele é velado por animais; São Paulo, o senhor da Casa Montfort armadura e a cavalo; (1210 – 1225), Os aparadores ou peleteiros

**Vitrais baixos, localizados no transepto, datados (31 -36):**

33 – Santo Antônio e São Paulo Eremita (XIII), Mercadores de Peixe

**Vitrais baixos, localizados na nave (37 -51):**

37 – Simbolismo da Paixão (1205 – 1215), Ferradores

38 – Os milagres de Nossa Senhora (1205 – 1215), Açougueiros

39 – A História dos milagres de São Nicolau (1205 – 1215), Merceeiros, Comerciantes de especiarias e Boticários

41 – A História de José (1205 – 1215), Cambistas

42 – A morte da Virgem e a Assunção (1205 – 1215), Sapateiros

43 – A História de Santo Eustáquio (aproximadamente, 1210), Forradores e Costureiros

44 – A parábola do Bom Samaritano (1205 – 1215), Sapateiros

45 – A História de São Lubin (1202 – 1215), Taberneiros e Viticultores

46 – A História de Santa Maria Madalena (1205 – 1215), Portadores de água

47 – A História de Noé (1205 – 1215), Carpinteiros e Marceneiros

48 – A História de São João Evangelista (1205 – 1215), Armeiros

**Vitrais altos, localizados na nave, datados (129 – 143):**

131 – O sacrifício de Abraão; busto de Deus abençoando entre o Alpha e o Ômega; o Sacrifício de Abraão; o Cristo com a cruz e abençoando; Camponeses (trabalhadores dos campos)

133 – o martírio de São Jorge, São Jorge, a massa de São Gilles, São Gilles, São Jorge armado e a cavalo (1205 – 1215), Carregadores de fardos

134 – Moisés assiste; São Bartolomeu; Torneiro (doador), São Calétric, Santo Agostinho, anjos bajuladores (1205 – 1215), Torneiros

135 – Dois apóstolos assistem; A Virgem e os sete dons do espírito (1205 – 1215), Cambistas.

136 – São Tiago Maior (1205 – 1215), Alfaiate (Camiseiro)

137 – São Nicolau; quatro Apóstolos assistem; São Thomas Becket entre dois doadores (1205 – 1215), Forradores/Esfoladores

139 - O Martírio de Saint-Étienne; Saint-Étienne; o martírio de Saint-Laurent;

Saint-Laurent; São Lubin entre dois doadores (1205 – 1215) Tecelões e Artesãos de instrumentos de cozinha (*Potier d'étain*)

140 – São Pedro; São Tiago Maior; O Cristo entronizado entre o Alpha e o Ômega; dois anjos adorando (1205 – 1215) Padeiros e Pasteleiros

## REFERÊNCIAS

ACLOQUE, G. **Chartres – du XI siècle à la Révolution**. Paris: Auguste Picard, 1917.

ARAGUAS, P. **Architecture religieuse gotique – diversités régionales XIII -XIV siècle**. Rempart, Paris, 2000.

BELTING, H. **Antropologia da Imagem**, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Semelhança e Presença, a história da imagem antes da era da arte**, Rio de Janeiro, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Práticas e Representações**. Portugal: DIFEL, 2002

DUBY, G. **O tempo das Catedrais – a arte e a sociedade – 980 – 1420**. Lisboa: Estampa, 1978.

FRÓES, Vânia Leite. **O livro de horas dito de D. Fernando – Maravilha para ver e rezar**. Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 129. Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2009

LE GOFF, J. **Para uma outra Idade Média – Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

L'ÉPINOIS, E & MERLOT, L. **Cartulhaire de Saint-Père de Chartres**. Paris, 1840, in-4o; p. XLVII sqq. (Coll. de doc. inédits): I, CLXXII sqq; Chartres, 1862, in-4<sup>o</sup> (publ. de la Soc. arch. d'Eure-et-Loir). Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37754992h>. Acessado em: 31/07/2014.

MARTINS, Debora S. **Entre o imaginário e o vivido: as representações dos padeiros nos vitrais da catedral de Chartres (França – século XIII)**. Dissertação de Mestrado aprovada em 4 de abril de 2017, pelo PPGH/UFF, 162 pp.

MARTINS, Debora S. **O espaço do sagrado e o espaço do trabalho nos vitrais da catedral de Chartres (França – século XIII)**. PPGH - Universidade Federal Fluminense, 2017. 30 pp.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

\_\_\_\_\_. **O Objeto Material como documento**. [http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria\\_cultura\\_material\\_ulpiano\\_meneses](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses).

SAUVANON, Jeanine. **Les métiers au Moyen Âge – leurs « signatures » dans le vitraux – Cathédrale de Chartres**. Paris, Éditions Houvet, 1993.

\_\_\_\_\_. **A La Decouverte des vitraux de Chartres**. Chartres, Editions Jean-Michel Garnier, 1991.

SCHMITT, Jean-Claude; BASCHET, Jérôme (Dirs.). **L'image: fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval**: actes du 6<sup>e</sup> International Workshop on Medieval Societies, Centre Ettore Majorana, Erice, Sicile, 17-23 oct. 1992. Paris: Le Léopard d'or, 1996. [Col. Cahiers du Léopard d'or]

\_\_\_\_\_. **O Corpo das Imagens – Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**DENISE PEREIRA:** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-283-8

